

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
2 de Outubro de 2024
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (conclusão)

BALLET AQUATIQUE / 2010-11

Argumento: Raúl Ruiz / *Diretor de fotografia (digital cor):* Christian Baier / *Música:* Jorge Arriagada / *Montagem:* Ombeline Blanchard / *Som:* Nicolas Joly / *Com as presenças de:* Melvil Poupaud, Raúl Ruiz, Nicolas Joly, François Margolin

Produção: Centre National Georges Pompidou (Paris) / *Cópia:* digital (suporte original), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 50 minutos / *Estreia mundial:* Paris (Centro Pompidou), 10 de Novembro de 2010 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme inclui a totalidade de LA PIEUVRE (1928) e trechos de ASSASSINS D'EAU DOUCE (1947), de Jean Painlevé.

AGATHOPEDIA / 2008

Argumento: Raúl Ruiz / *Imagem (vídeo, cor) e montagem:* não identificados / *Com a presença de pessoas não identificadas.*

Produção: Universidade da Calábria / *Cópia:* dcp (transcrito do original em vídeo), versão original em italiano, com trechos em latim e legendagem eletrónica para os trechos em italiano / *Duração:* 52 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme inclui um trecho de COFRALANDES (2001), de Raúl Ruiz

Filmes de Raúl Ruiz

AVISO: a) **BALLET AQUATIQUE** começa com uma longa citação de **LA PIEUVRE**, de Jean Painlevé; este filme é mudo e Ruiz o reproduz aqui como tal, sem nenhuma intervenção sonora, b) os trechos de **AGATHOPEDIA** que são falados em latim e que não foram legendados na cópia em circulação também não são legendados na cópia que apresentamos.

Eis um programa que, no papel, é coerente, pois é formado por dois filmes realizados no período final do percurso de Raúl Ruiz que se complementam: o primeiro tem como ponto de partida o trabalho de um homem que fez muitas coisas, tendo deixado uma obra cinematográfica breve e original; o segundo sobre homens que pregavam partidas (*canulars*), especulavam sobre coisas que não se faziam, eram apenas evocadas como hipóteses. Mas tratando-se de Ruiz não se trata exatamente nem de uma coisa nem da outra.

Jean Painlevé é uma figura célebre e isolada na história do cinema, devido aos filmes de vulgarização científica que realizou sobre animais marinhos, em que o rigor pedagógico desdobra-se em episódios cinematográficos que, sem trucagem alguma, acabam por ter conotações quase surrealistas ou de natureza fantástica, apesar da sua base científica: não por acaso, um ramo da literatura e do cinema fantásticos se intitula *ficção científica* e no caso de Painlevé a fusão entre ficção e ciência é quase literal, embora involuntária. Em **Ballet Aquatique**, título antónimo ao de um clássico do *cinema de vanguarda*, **Ballet Mécanique**, de Fernand Léger (de 1924, por conseguinte exato contemporâneo do primeiro filme de Painlevé) e que talvez também seja uma alusão irónica aos grandes bailados aquáticos da Metro Goldwyn-Mayer com Esther Williams, Ruiz mostra de imediato, sem genérico algum, a totalidade de um dos mais célebres filmes de Painlevé, **O Polvo**. Depois ele próprio surge, sentado diante de uma estante, como uma paródia de professor ou de si mesmo, especulador de narrativas que nem sempre narram. Melvil Poupaud e François Margolin alternam com ele nesta posição, sempre com um tom de solenidade irónica. Poupaud faz alusão a um certo senhor Orlac, nome que reenvia ao romance *Les Mains d'Orlac*, do qual foram tirados vários filmes,

história de um pianista que perde as mãos num acidente e um médico enxerta-lhe as mãos de um assassino. Nada, no entanto, parece levar os comentários de **Ballet Aquatique** para estes lados da literatura ou do cinema fantástico, um terreno que o próprio Ruiz pisou muitas vezes, por vezes em episódios narrados verbalmente e não representados visualmente. Há uma expressão francesa que se aplica muito bem ao lado especulativo do cinema de Ruiz e que alude precisamente a peixes: *afogar o peixe*, não abordar uma questão frontalmente, afogando o interlocutor numa série de pormenores sem importância. Em **Ballet Aquatique** a (falsa) questão central, não respondida é: *a hibridação pode pôr fim à guerra das espécies?*; uma vez hibridados os animais podem deixar de se devorar entre si? Questão retórica, talvez menos interessante do que a especulação de Raúl Ruiz numa das suas intervenções sobre a incapacidade que temos de contar de modo preciso os “*peixes de companhia*” nos aquários domésticos. Como estão sempre em movimento, o seu número pode parecer incerto e Ruiz sugere que são “*peixes fantasmas*” porque surgem e desaparecem, enquanto sonha com alguns resultados possíveis da hibridação, que resultarão em peixes que comerão gatos. **Ballet Aquatique** é, em parte, um filme sobre uma ideia de filme, realizado quando o realizador ainda estava combalido depois do primeiro embate com a doença que o mataria, o que levaria a declarar a Verónica Cortínez, co-autora de um livro sobre o seu trabalho: “*Fiz este filme para provar-me que estava vivo*”.

Agathopedia foi realizado como objeto pedagógico para a Universidade da Calábria – um seminário sobre o tema *construir um filme*. Talvez por este motivo, é um dos filmes mais obscuros de Raúl Ruiz, bastante críptico, pouco visto e, por conseguinte, pouco comentado. Um dos seus temas oficiais é a Sociétés des Agathopèdes, fundada em meados do século XIX na Bélgica, grupo de intelectuais e artistas que gostavam de especular e pregar partidas artísticas, mas nem a sociedade nem qualquer dos seus membros são sequer mencionados, o que é típico de Ruiz. Sem dúvida por razões práticas, o cineasta chileno trabalhou em vídeo, o mais miserável de todos os suportes no que refere a qualidade da imagem, como se pode constatar na sequência de abertura, em que um homem fala, à beira do mar. Este *homem do povo* fala de modo semelhante a certos personagens do cinema de Pier Paolo Pasolini e a sua fala contrasta de modo agudo com as dos outros intervenientes, que têm um tom erudito, ao ponto de alguns deles chegarem ao extremo de falar numa língua morta, o latim. Estas falas em latim não são legendadas no filme, sem dúvida por decisão do próprio Ruiz, o que as torna ininteligíveis, com palavras que giram sobre si mesmas e existem apenas pelo seu som, não pelo seu sentido. Apesar de dispor de uma mísera imagem em vídeo, Ruiz não abdicou do aspecto hipnótico da imagem e a dada altura a câmara foca um espelho, no qual se desenrolam trechos de filmes, entre os quais podemos identificar passagens da *rapsódia chilena Cofralandes*, do próprio Ruiz, naquele que é o momento mais marcante do filme. E embora Ruiz ostente um aparente desprezo pelos livros de Jorge Luis Borges, chegando ao ponto de declarar que o argentino “*não existe enquanto escritor*”, inseriu em **Agathopedia** uma ideia que parece saída da cabeça de um personagem de Borges: “*construir falsas ruínas para fazer esquecer o passado*”. Entre os elementos destas ruínas estão alguns sons agudos, semelhantes aos de um vibrafone, mas que parecem vir da garganta de Yma Sumac, a cantora que tinha “*um piano na garganta*” e que um sul-americano da geração de Ruiz não podia não conhecer. O que une estes diversos elementos? Todo o filme é uma pergunta sem resposta e Raúl Ruiz provavelmente quis que assim fosse.

Antonio Rodrigues